

ao concreto da percepção sensível não é decisão de nenhuma comissão de cientistas. É uma imposição da regência da composição que exige a possibilidade de se dispor da natureza, como disponibilidade. Por isso, apesar de ter abandonado a representação de objetos que, até há pouco, era o único procedimento decisivo, a física moderna nunca poderá renunciar à necessidade de a natureza fornecer dados, que se possa calcular, e de continuar sendo um sistema disponível de informações. Trata-se de um sistema que se determina por uma concepção mais uma vez alterada de causalidade. Agora a natureza já não demonstra nem o caráter de um deixar-viger produtivo nem o modo de ser da *causa efficiens* ou até da *causa formalis*. Presumivelmente, a causalidade há de se reduzir a uma notificação provocada pelas disponibilidades que se disponham com segurança contínua ou sucessiva. É ao que corresponderia o processo de crescente adaptação, descrito, de maneira impressionante, pela conferência de Heisenberg².

A técnica moderna precisa utilizar as ciências exatas da natureza porque sua essência repousa na composição. Assim nasce a aparência enganosa de que a técnica moderna se reduz à aplicação das ciências naturais. Esta aparência apenas se deixa manter enquanto não se questionar, de modo suficiente, nem a proveniência da ciência moderna e nem a essência da técnica moderna.

Questionamos, aqui, o que é a técnica para ressaltar nosso relacionamento com sua essência. A essência da técnica moderna se mostra no que chamamos de composição. Todavia, esta indicação ainda não é uma resposta à questão da técnica, caso responder signifique corresponder à essência do que se questiona.

Para onde nos sentiremos remetidos, quando tentarmos agora dar mais um passo adiante, pensando o que será, em si mesma, esta composição? Não é nada de técnico nem nada de maquinal. É o modo em que o real se desencobre como disponibilidade. De novo, se impõe a pergunta: será que este desencobrir-se se dá, em algum lugar, fora de toda ação e qualquer atividade humana? De forma

2. W. Heisenberg, Das Naturbild in der heutigen Physik, in: *Die Künste im technischen Zeitalter*, Munique, 1954, p. 43s.

alguma! Mas também não acontece apenas *no* homem e nem decisivamente *pelo* homem.

Composição é a força de reunião daquele “pôr” que impõe ao homem des-cobrir o real, como disponibilidade, segundo o modo da disposição. Assim desafiado e provocado, o homem se acha imerso na essência da composição. Não é ao depois que o homem se relaciona com a essência da técnica. Por isso, formulada nesses moldes, a pergunta, como havemos de nos relacionar com a essência da técnica, chega sempre tarde e atrasada. Mas a pergunta nunca chega tarde e atrasada se nos sentirmos propriamente, como aqueles, cujas ações e omissões se acham por toda parte desafiadas e pro-vocadas, ora às claras ora às escondidas, pela composição. E sobretudo nunca chega tarde e atrasada a questão se e de que modo nós nos empenhamos no processo em que a própria composição vige e vigora.

A essência da técnica moderna põe o homem a caminho do desencobrimento que sempre conduz o real, de maneira mais ou menos perceptível, à disponibilidade. Pôr a caminho significa: destinar. Por isso, denominamos de *destino* a força de reunião encaminhadora, que põe o homem a caminho de um desencobrimento. É pelo *destino* que se determina a essência de toda história. A história não é um mero objeto da historiografia nem somente o exercício da atividade humana. A ação humana só se torna histórica quando enviada por um destino³. E somente o que já se destinou a uma representação objetivante torna acessível, como objeto, o histórico da historiografia, isto é, de uma ciência. É daí que provém a confusão corrente entre o histórico e o historiográfico.

No desafio da disposição, a composição remete a um modo de desencobrimento. Como modo de desencobrimento, a composição é um envio do destino. Destino, neste sentido, é também a produção da *ποίησις*.

O desencobrimento do que é e está sendo segue sempre um caminho de desencobrimento. O destino do desencobrimento sempre rege o homem em todo o seu ser mas nunca é a fatalidade de uma

3. Cf. *Vom Wesen der Wahrheit*, 1930, na primeira edição de 1943, p. 16s.

coação. Pois o homem só se torna livre num envio, fazendo-se ouvinte e não escravo do destino.

A essência da liberdade não pertence *originariamente* à vontade e nem tampouco se reduz à causalidade do querer humano.

A liberdade rege o aberto, no sentido do aclarado, isto é, do des-encoberto. A liberdade tem seu parentesco mais próximo e mais íntimo com o dar-se do desencobrimento, ou seja, da verdade. Todo desencobrimento pertence a um abrigar e esconder. Ora, o que liberta é o mistério, um encoberto que sempre se encobre, mesmo quando se descobre. Todo desencobrimento provém do que é livre, dirige-se ao que é livre e conduz ao que é livre. A liberdade do livre não está na licença do arbitrário nem na submissão a simples leis. A liberdade é o que aclarando encobre e cobre, em cuja clareira tremula o véu que vela o vigor de toda verdade e faz aparecer o véu como o véu que vela. A liberdade é o reino do destino que põe o desencobrimento em seu próprio caminho.

A essência da técnica moderna repousa na com-posição. A com-posição pertence ao destino do desencobrimento. Estas afirmações dizem algo muito diferente do que a frase tantas vezes repetida: a técnica é a fatalidade de nossa época, onde fatalidade significa o inevitável de um processo inexorável e incontornável.

Quando pensamos, porém, a essência da técnica, fazemos a experiência da com-posição, como destino de um desencobrimento. Assim já nos mantemos no espaço livre do destino. Este não nos tranca numa coação obtusa, que nos forçaria uma entrega cega à técnica ou, o que dá no mesmo, a arremeter desesperadamente contra a técnica e condená-la, como obra do diabo. Ao contrário, abrindo-nos para a *essência* da técnica, encontramos, de repente, tomados por um apelo de libertação.

A essência da técnica repousa na com-posição. Sua regência é parte do destino. Posto pelo destino num caminho de desencobrimento, o homem, sempre a caminho, caminha continuamente à beira de uma possibilidade: a possibilidade de seguir e favorecer apenas o que se des-encobre na dis-posição e de tirar daí todos os seus parâmetros e todas as suas medidas. Assim, tranca-se uma outra possibilidade: a possibilidade de o homem empenhar-se, antes de tudo e

sempre mais e num modo cada vez mais originário, pela essência do que se des-encobre e seu desencobrimento, com a finalidade de assumir, como sua própria essência, a pertença encarecida ao desencobrimento.

Entre essas duas possibilidades, o homem fica ex-posto a um perigo que provém do próprio destino. Por isso, o destino do desencobrimento é o *perigo* em todos e em cada um de seus modos e, por conseguinte, é sempre e necessariamente perigo.

Em qualquer modo, em que o destino do desencobrimento exerça seu vigor, o desencobrimento, em que tudo é e mostra-se cada vez traz sempre consigo o perigo de o homem equivocar-se com o desencobrimento e o interpretar mal. Assim, quando todo o real se apresenta à luz do nexo de causa e efeito, até Deus pode perder, nesta representação, toda santidade e grandeza, o mistério de sua transcendência e majestade. À luz da causalidade, Deus pode degradar-se a ser uma causa, a *causa efficiens*. Ele se torna, então, até na teologia, o Deus dos filósofos, daqueles que medem o des-encoberto e o coberto de acordo com a causalidade do fazer, sem pensar de onde provém a essência da causalidade.

Do mesmo modo, em que a natureza, expondo-se, como um sistema operativo e calculável de forças pode proporcionar constatações corretas mas é justamente por tais resultados que o desencobrimento pode tornar-se o perigo de o verdadeiro se retirar do correto.

O destino do desencobrimento não é, em si mesmo, um perigo qualquer, mas o perigo.

Se, porém, o destino impera segundo o modo da com-posição, ele se torna o maior perigo, o perigo que se anuncia em duas frentes. Quando o des-coberto já não atinge o homem, como objeto, mas exclusivamente, como disponibilidade, quando, no domínio do não-objeto, o homem se reduz apenas a dis-por da dis-ponibilidade - então é que chegou à última beira do precipício, lá onde ele mesmo só se toma por dis-ponibilidade. E é justamente este homem assim ameaçado que se alardeia na figura de senhor da terra. Cresce a aparência de que tudo que nos vem ao encontro só existe à medida que é um feito do homem. Esta aparência faz prosperar uma derradeira ilusão, segundo a qual, em toda parte, o homem só se encontra consigo mesmo. Heisenberg mostrou, com toda razão,

que é assim mesmo que o real deve apresentar-se ao homem moderno⁴. *Entretanto, hoje em dia, na verdade, o homem já não se encontra em parte alguma, consigo mesmo, isto é, com a sua essência.* O homem está tão decididamente empenhado na busca do que a com-posição pro-voça e ex-plora, que já não a toma, como um apelo, e nem se sente atingido pela ex-ploração. Com isto não escuta nada que faça sua essência ex-sistir no espaço de um apelo e por isso *nunca pode encontrar-se, apenas, consigo mesmo.*

A com-posição não põe, contudo, em perigo apenas o homem em sua relação consigo mesmo e com tudo que é e está sendo. Como destino, a com-posição remete ao desencobrimento do tipo da disposição. Onde esta domina, afasta-se qualquer outra possibilidade de desencobrimento. A com-posição encobre, sobretudo, o desencobrimento, que, no sentido da *ποίησις*, deixa o real emergir para aparecer em seu ser. Ao invés, o pôr da ex-ploração impele à referência contrária com o que é e está sendo. Onde reina a com-posição, é o direcionamento e asseguramento da disponibilidade que marcam todo o desencobrimento. Já não deixam surgir e aparecer o desencobrimento em si mesmo, traço essencial da disponibilidade.

Assim, pois, a com-posição provocadora da ex-ploração não encobre apenas um modo anterior de desencobrimento, a produção, mas também o próprio desencobrimento, como tal, e, com ele, o espaço, onde acontece, em sua propriedade o desencobrimento, isto é, a verdade.

A com-posição de-põe a fulguração e a regência da verdade. O destino enviado na disposição é, pois, o perigo extremo. A técnica não é perigosa. Não há uma demonia da técnica. O que há é o mistério de sua essência. Sendo um envio de desencobrimento, a essência da técnica é o perigo. Talvez a alteração de significado do termo “com-posição” torne-se agora mais familiar, quando pensado no sentido de destino e perigo.

A ameaça, que pesa sobre o homem, não vem, em primeiro lugar, das máquinas e equipamentos técnicos, cuja ação pode ser eventualmente mortífera. A ameaça, propriamente dita, já atingiu a essência do homem. O predomínio da com-posição arrasta consigo

a possibilidade ameaçadora de se poder vetar ao homem voltar-se para um desencobrimento mais originário e fazer assim a experiência de uma verdade mais inaugural.

Assim, pois, onde domina a com-posição, reina, em grau extremo, o *perigo*:

“Ora, onde mora o perigo
é lá que também cresce
o que salva”.

Pensemos esta palavra de Hölderlin com todo o cuidado: o que significa “salvar”? Geralmente, achamos que significa apenas retirar, a tempo, da destruição o que se acha ameaçado em continuar a ser o que vinha sendo. Ora, “salvar” diz muito mais. “Salvar” diz: chegar à essência, a fim de fazê-la aparecer em seu próprio brilho. Se a essência da técnica, a com-posição, constitui o perigo extremo e se também é verdadeira a palavra de Hölderlin, então o domínio da com-posição não se poderá exaurir simplesmente porque ela de-põe a fulguração de todo desencobrimento, não poderá deturpar todo o brilho da verdade. Ao invés, a essência da técnica há de guardar em si a medrança do que salva. Neste caso, uma percepção profunda o bastante do que é a com-posição, enquanto destino do desencobrimento, não poderia fazer brilhar o poder salvador em sua emergência?

Em que medida a força salvadora também cresce onde mora o perigo? Onde algo cresce, é lá que ele deita raízes, é de lá que ele medra e prospera. Ambas as coisas se dão escondidas, em silêncio e no seu tempo. Segundo a palavra do poeta, porém, não nos é permitido esperar que, no perigo, se possa apanhar a força salvadora, imediatamente e sem preparação. Por isso é que temos de pensar agora a medida em que, no perigo extremo, isto é, na regência da com-posição, a força salvadora se enraíza até, o mais profundamente possível, é lá que ela medra e prospera. Para pensá-lo, torna-se mister olhar, com um olho mais vivo ainda, o perigo, num último e derradeiro passo de nossa caminhada. Assim devemos questionar, mais uma vez, a essência da técnica. Pois, em sua essência, deita raízes e prospera, como se disse, a força salvadora.

Como nos será possível, porém, olhar a força salvadora na essência da técnica, sem pensarmos o sentido de “essência” em que a com-posição é propriamente, a essência da técnica?

4. *Op. cit.*, p. 60s.

Até agora pensamos a palavra “essência” no sentido comum. Na linguagem da escola, “essência” diz *aquilo que* alguma coisa é, em latim, *quid*. A *quidditas*, a quiddidade, responde à pergunta pela essência de alguma coisa. O que, por exemplo, convém e pertence a todas as espécies de árvores; carvalho, faia, bétula, pinheiro, é uma mesma arboridade, o mesmo ser-árvore. As árvores reais e possíveis caem todas sob esta arboridade, como seu gênero comum, o “universal”, no sentido de genérico. Será, então, que a com-posição, a essência da técnica, constitui o gênero comum de tudo que é técnico? Se fosse assim, a turbina a vapor, o transmissor de rádio, o ciclotrônio seriam uma com-posição! Ora, o termo, “com-posição”, não diz, aqui, um equipamento ou qualquer tipo de aparelho. Diz, ainda menos, o conceito genérico destas disponibilidades. As máquinas e aparelhos são tampouco casos e espécies de com-posição, como o operador na mesa de controle ou o engenheiro no escritório de planejamento. Tudo isto, sendo peças, disponibilidades e operadores de dispositivos, pertence, cada qual à sua maneira, à com-posição, mas esta, a com-posição, nunca é a essência da técnica, entendida, como um gênero. A com-posição é um modo destinado de desencobrimento, a saber, o desencobrimento da exploração e do desafio. Um e outro modo destinado é o desencobrimento da produção, da *ποίησις*. Esses modos não são, porém, espécies que, justapostas, fossem subsumidas no conceito de desencobrimento. O descobrimento é o destino que, cada vez, de chofre e inexplicável para o pensamento, se parte, ora num des-encobrir-se pro-dutor ora num des-encobrir-se ex-plorador e, assim, se reparte ao homem. O desencobrimento ex-plorador tem a proveniência de seu envio no descobrimento pro-dutor, ao mesmo tempo em que a com-posição de-põe num envio do destino a *ποίησις*.

Assim, a com-posição se torna a essência da técnica, por ser destino de um desencobrimento, nunca, porém, por ser essência, no sentido de gênero e *essentia*. Se levarmos em conta essa conjuntura, algo de espantoso nos atinge: a própria técnica exige de nós pensar o que, em geral, se chama de “essência”, num outro sentido. Mas em qual?

Já ao falarmos de “*Hauswesen*” (os afazeres da casa), de “*Staatswesen*” (as coisas do Estado), não nos referimos à generalidade de um gênero, mas à maneira em que casa e Estado são e deixam de

ser o que são, isto é, se administram, se realizam e desfazem. Trata-se do modo em que vigem e exercem o seu ser. J.P. Hebel utiliza a antiga palavra alemã “*Weserei*”, na poesia *Fantasma na Rua Kanderer* (*Gespent an der Kanderer Strasse*), pela qual Goethe tinha especial apreço. “*Weserei*” diz o Conselho Municipal, enquanto lá se reúne e está em causa a vida da comunidade, ou seja, enquanto vige e se realiza a Pre-sença da aldeia. É do verbo “*wesen*”, viger, que provém o substantivo vigência. *Wesen*, essência, em sentido verbal de vigência, é o mesmo que “*währen*”, durar e não apenas no sentido semântico, como também na formação fonológica. Já Sócrates e Platão pensaram a essência de uma coisa, como a vigência, no sentido de duração. Mas eles pensaram o duradouro, como o que sempre é e perdura (*ἀεὶ ὄν*). O que sempre perdura, eles o encontraram no que permanece em tudo o que ocorre e se dá. Esta permanência, eles a encontraram na estrutura (*εἶδος, ἰδέα*) do perfil, por exemplo, na idéia de “casa”.

Na idéia mostra-se o que é tudo que se constitui, como casa. Já as casas reais e possíveis são variações mutantes e passageiras da “idéia” e, nesta condição, não perduram e nem pertencem ao duradouro.

Ora, por outro lado, não se pode, de modo algum, provar que o duradouro deva fundar-se única e exclusivamente na *ἰδέα* pensada por Platão, no *τὸ τί ἦν εἶναι* (o que cada coisa já sempre foi, o ser em tendo sido), pensado por Aristóteles ou no que, nas mais diversas interpretações, a metafísica pensa, como *essentia*.

Todo vidente dura. Mas será mesmo que só é duradouro o que perdura e permanece? Será mesmo que a essência da técnica vige no sentido da duração de uma idéia que paira acima de tudo que é técnico, a ponto de se formar a aparência: o termo “a técnica” é uma abstração mítica? Ora, só se pode perceber, como vige a técnica, pela continuidade da duração em que a com-posição se dá e acontece em sua propriedade, no envio de um descobrimento. Goethe chegou a usar⁵ no lugar de “*fortwähren*”, perdurar, a palavra misteriosa “*fortgewähren*”, continuar a conceder. Sua escuta ouve, nesta palavra, uma harmonia implícita de continuidade entre “*währen*”, durar, e “*gewähren*”, conceder. Ora, se pensarmos ago-

5. Goethe, *Die Wahlverwandschaften* (*Afinidades eletivas*), parte II, cap. 10, da novela “*Die wunderlichen Nachbarskinder*” (“Os prodigiosos filhos do vizinho”).

ra de modo mais profundo do que até aqui, o que dura propriamente e talvez até unicamente, deveremos, então, dizer: *somente dura o que foi concedido. Dura o que se concede e doa com força inaugural, a partir das origens.*

Como vigência da técnica, a com-posição é o que dura. Esta duração age no sentido de uma concessão? Já a pergunta parece uma evidente mancada. Pois a com-posição é, de fato, segundo tudo que ficou dito, um envio, que reúne e concentra no desencobrimento da exploração. E exploração é qualquer coisa menos conceder. É o que parece enquanto não levamos em conta que mesmo o desafio da exploração, que leva dispor-se do real, como disponibilidade continua sendo sempre um envio que põe o homem no caminho de um desencobrimento. Na condição de destino, a vigência da técnica impõe ao homem entrar no que ele mesmo não pode por si mesmo nem inventar e nem fazer; é que não há algo assim, como um homem, que, exclusivamente por si mesmo, fosse tão homem.

Todavia, se o destino (o envio) da com-posição é realmente o perigo extremo, não só para a essência do homem mas também para todo desencobrimento, como tal, será que ainda se pode chamar de concessão um envio assim? Sem dúvida e sobretudo, caso, no envio, tenha de medrar e crescer o que salva. Todo destino de um envio acontece, em sua propriedade, a partir de um conceder e como um conceder. Pois é a concessão que acarreta para o homem ter parte no desencobrimento, parte esta de que carece a aproximação do desencobrimento. Por ser assim encarecido, o homem se acha apropriado pela apropriação da verdade. A propiciação, que envia para o desencobrimento de uma maneira ou de outra, é o que salva, enquanto tal. Pois é o que salva que leva o homem a perceber e a entrar na mais alta dignidade de sua essência. Uma dignidade, que está em proteger e guardar, nesta terra, o desencobrimento e, com ele, já cada vez, antes, o encobrimento. A com-posição é o perigo extremo porque justamente ela ameaça trancar o homem na disposição, como pretensamente o único modo de descobrimento. E assim trancado, tenta levá-lo para o perigo de abandonar sua essência de homem livre. Precisamente, neste perigo extremo, vem a lume sua pertença mais íntima. Trata-se da pertença indestrutível ao que se lhe concede e outorga. Tudo isso, na suposição de que, da nossa parte, comecemos a pensar, com cuidado, a essência da técnica.

Assim, a vigência da técnica guarda em si o que menos esperamos, uma possível emergência do que salva.

Por isso, tudo depende de pensarmos esta emergência e a protegermos com a dádiva do pensamento. E como é que isto se dá? Sobretudo, percebendo o que vige na técnica, ao invés de ficar estarecido diante do que é técnico. Enquanto representarmos a técnica, como um instrumento, ficaremos presos à vontade de querer dominá-la. Todo nosso empenho passará por fora da essência da técnica.

Questionando, porém, o modo em que a instrumentalidade vige agora numa espécie de causalidade, faremos a experiência do que vige na técnica, como destino de um desencobrimento.

Pensando, por fim, que o vigente de toda essência se dá no que se concede e que este carece da participação do homem no desencobrir-se do desencobrimento, então se mostra que:

A essência da técnica é de grande ambigüidade. Uma ambigüidade que remete para o mistério de todo desencobrimento, isto é, da verdade.

De um lado, a com-posição impele à fúria do dispor que destrói toda visão do que o desencobrimento faz acontecer de próprio e, assim, em princípio, põe em perigo qualquer relacionamento com a essência da verdade. De outro lado, a com-posição se dá, por sua vez, em sua propriedade na concessão que deixa o homem continuar a ser - até agora sem experiência nenhuma mas talvez no porvir com mais experiência - o encarecido pela verificação da essência da verdade. Nestas condições é que surge e aparece a aurora do que salva.

O irresistível da disposição e a resistência do que salva passam, ao largo, um do outro como, no curso dos astros, a rota de duas estrelas. Mas este passar ao largo alberga o mistério da própria vizinhança de ambos.

Se olharmos dentro da essência ambígua da técnica, veremos uma constelação, o percurso do mistério.

A questão da técnica é a questão da constelação em que acontece, em sua propriedade, em desencobrimento e encobrimento, a vigência da verdade.

Mas de que adianta olhar dentro da constelação da verdade? - Propicia ver o perigo e perceber o crescimento do que salva.

Com isto, entretanto, ainda não estamos salvos, embora sejamos convocados a esperar à luz crescente do que salva. E como a espera pode-se dar? Aqui e agora, no mínimo, de maneira a fomentar o crescimento do que salva, o que inclui ter sempre em mente o perigo extremo.

A vigência da técnica ameaça o desencobrimento e o ameaça com a possibilidade de todo des-encobrir desaparecer na disposição e tudo apresentar apenas no des-encobrimento da disponibilidade. Nenhuma ação humana jamais poderá fazer frente a esse perigo. Mas a consideração do sentido próprio do homem pode pensar que toda força salvadora deve ser de essência superior mas, ao mesmo tempo, aparentada com o que está ameaçado e em perigo.

Será, então, que um desencobrimento concedido de modo mais originário seria capaz de fazer aparecer, pela primeira vez, a força salvadora no meio do perigo que, na idade da técnica, mais encobre do que mostra?

Outrora, não apenas a técnica trazia o nome de τέχνη. Outrora, chamava-se também de τέχνη o desencobrimento que levava a verdade a fulgurar em seu próprio brilho.

Outrora, chamava-se também de τέχνη a produção da verdade na beleza. Τέχνη designava também a ποίησις das belas-artes.

No começo do destino ocidental na Grécia, as artes ascenderam às alturas mais elevadas do desencobrimento concedido. Elas faziam resplandecer a presença dos deuses e o encontro entre o destino de deuses e homens. A arte chamava-se apenas τέχνη. Era um des-encobrir-se único numa multiplicidade de desdobramentos. A arte era piedade, πρόμος, isto é, integrada na regência e preservação da verdade.

As artes não provinham do artístico. As obras de arte não provocavam prazer estético. A arte não era setor de uma atividade cultural.

Mas, então, como era a arte? Talvez somente por poucos anos, embora anos sublimes? Por que a arte tinha o nome simples e singelo de τέχνη? Porque era um des-encobrir pro-dutor e pertencia à ποίησις. O último des-velo, que atravessa toda arte do belo, era ποίησις, era poesia.

O mesmo poeta, de quem escutamos a palavra da salvação:

“Ora, onde mora o perigo
é lá que também cresce
o que salva”,

nos diz ainda:

“... poeticamente
o homem habita esta terra”.

É o poético que leva a verdade ao esplendor superlativo que, no *Fedro*, Platão chama de τὸ ἐκφανεστάτον, “o que sai a brilhar da forma superlativa”. O poético atravessa, com seu vigor, toda arte, todo desencobrimento do que vige na beleza.

Será que as belas-artes são convocadas ao des-encobrir poético? Será que o desencobrimento há de reivindicá-las mais originariamente para que fomentem, por sua parte, o crescimento do que salva, para que despertem e instaurem em nova forma, a visão e a confiança no que se concede e outorga?

Ninguém poderá saber se está reservada à arte a suprema possibilidade de sua essência no meio do perigo extremo. Mas todos nós poderemos nos espantar. Com o quê? Com a outra possibilidade, a possibilidade de se instalar por toda parte a fúria da técnica até que, um belo dia, no meio de tanta técnica, a essência da técnica venha a vigorar na apropriação da verdade.

Não sendo nada de técnico a essência da técnica, a consideração essencial do sentido da técnica e a discussão decisiva com ela têm de dar-se num espaço que, de um lado, seja consangüíneo da essência da técnica e, de outro, lhe seja fundamentalmente estranho.

A arte nos proporciona um espaço assim. Mas somente se a consideração do sentido da arte não se fechar à constelação da verdade, que nós estamos a *questionar*.

Questionando assim, damos testemunho da indigência de, com toda técnica, ainda não sabermos a vigência da técnica, de, com tanta estética, já não preservarmos a vigência da arte. Todavia, quanto mais pensarmos a questão da essência da técnica, tanto mais misteriosa se torna a essência da arte.

Quanto mais nos avizinharmos do perigo, com maior clareza começarão a brilhar os caminhos para o que salva, tanto mais questões haveremos de questionar. Pois questionar é a piedade do pensamento.

Tradução de Emmanuel Carneiro Leão